

Fragmentos do poema “A lágrima de um Caeté” de Nísia Floresta Brasileira Augusta

era da natureza filho altivo,
Tão simples como ela, nela achando
Toda a sua riqueza, o seu bem todo...
O bravo, o destemido, o grão selvagem,
O brasileiro era... - era um Caeté!

Era um Caeté, que vagava
Na terra que Deus lhe deu,
Onde Pátria, esposa e filhos
Ele embale defendeu!...

É este... pensava ele,
O meu rio mais querido;
Aqui tenho às margens suas
Doces prazeres fruído...

Aqui, mais tarde trazendo
Na alma triste, acerba dor,
Vim chorar as praias minhas
Na posse de usurpador!

Que de invadi-las
Não satisfeito,
Vinha nas matas
Ferir-me o peito!

Ferros nos trouxe,
Fogo, trovões,
E de cristãos
Os corações

E sobre nós
Tudo lançou!
De nossa terra
Nos despojou!

Tudo roubou-nos,
Esse tirano,
Que povo diz-se
Livre e humano!

Por nossos costumes singelos e simples
Em troco nos deram a fraude, a mentira.
De bárbaros nos dando o nome, que deles
Na antiga e moderna História se tira.

Maldito, ó maldito sejam
Renegado Tapeirá!...
Teu nome em nossas florestas
Em horror sempre será!

Tabajaras miserandos! raça escrava!
Que a voz incautos desse chefe ouviste
Mandando exterminar os irmãos teus,
Para um povo estrangeiro auxiliar!
O anátema do céu feriu-te, ó mísera!
Para ele um país conquistaste:
Em paga te deu ele a ignomínia!!

Em eterno desprezo eis-te esquecido,
Como estão tantos outros teus iguais!
Que perdendo na Pátria os seus costumes,
As vantagens não gozam desses homens,
A quem sacrificaram Pátria, honra!...

Indígenas do Brasil, o que sois vós?
Selvagens? os seus bens já não gozais...
Civilizados? não... vossos tiranos
Cuidosos vos conservam bem distantes
Dessas armas com que ferido tem-vos
De sua ilustração, pobres Cablocos!
Nenhum grau possuís!... Perdeste tudo,
Exceto de covarde o nome infame...

Dos Caetés os manes vingados estão!
Desse Camarão, também renegado,
Que bravo guerreiro a Fama apregoa,
O título de nobre lá jaz desprezado!

Nobreza, que o crime
Audaz transmitiu
aquele que aos seus
Cruel perseguiu;
Somente sorriso
De mofa devia,
Excitar depois
Que já não vivia;

E que de seu braço
Cruel parricida
Mais não precisava
Um Liberticida:
Um vil estrangeiro
Com quem se aliou,
E de seus irmãos
O bem lhe outorgou!

Dos Caetés os manes vingados estão!
Em triste abandono, sem Pátria, sem bens,
Às cegas seguindo a voz de um senhor
Pureza e costumes perdido tu tens!...

Dos Caetés os manes vingados estão!
Aqui neste solo a nós arrancado,
Tem vindo outros povos também d'além-mar
Aos nossos tiranos o tem usurpado!

Dos Caetés os manes vingados estão!
Como nosso sangue, o seu sangue correu!
Nas mãos do Batavo seu poder caiu!
Como nós o dele seu jugo sofreu...

Dos Caetés os manes vingados estão!
Curvaram-se os Lusos da Ibéria ao poder
Gemeram, choraram, por anos sessenta!
Quis Deus ao opróbio fazê-los descer...

Mais tarde se viu
Os seus descendentes
Contra eles se armarem;
Pô-los em correntes!
Alguns filhos seus
Que crime! que horror!
Cruéis lhes mandaram
A morte, o terror!...

Assim pune Deus um crime com outro
Quem fere, quem mata, ferida ou a morte
Recebe de mão feroz como a sua...
É esta dos homens, das nações a sorte.

Conosco cruel
Foi uma nação,
Lançou-lhe o Eterno
Sua maldição

Depois de seus filhos
O braço de armou,
Em seu próprio sangue
O crime lavou!

Injustos! Ingratos!
Vai ela bradando;
A seus descendentes
Seu mal exprobrando. [...]"

"[...] Onde as choças estão, simples asilo,
Santuário feliz de nosso amor?
Onde as frondosas árvores, cujos ramos
Fagueiros balouçavam inclinados
Sobre as águas dos nossos prediletos
Melancólico-amoroso Beberibe,
Capibaribe undoso, que abraçando
Se vão em sua foz, já não sorrindo,
Como outrora faziam, mas do pranto
Engrossado dos filhos seus extintos,
Gemendo confundir-se nos bramidos
Do terrível-majestoso Atlântico?!... [...]"

"[...] Onde estão, fero Luso ambicioso,
Estes bens, que eram nossos?
Porangaba perdi, perdi os filhos;
Ai de mim! Inda vivo!!
Com a Pátria lá foram esses tesouros!
O pranto só me resta!...

Só me resta um sentir, um só desejo,
Desejo de vingança!
Vingança de selvagem tão tremenda,
Tão nobre como ele!

Não vingança de balas despedidas
Pela mão de assassino
Miserável covarde, que não ousa
De frente acometer!
Nem de ferro à traição, que ao bravo priva
De uma vida de glória!!

Mais nobre, que o selvagem das cidades,
As armas ocultando,
O selvagem dos bosques se apresenta
A peito descoberto...

Vingança contra os tiranos
Que a nossa terra tomaram!
Que com perfídia e astúcias
Alguns dos nossos armaram!
Com eles pereça a glória
Nos anais de sua história!

Sobre os nossos opressores
Mande o seu raio ardente!
E na Pátria dos Caetés
Sofram eles dor pungente!
Mas dor tão grande, que possa
Fazê-los lembrar da nossa!...

Então talvez um remorso
Lhes entre no coração,
Pelos males que trouxeram
À nossa feliz nação!
E de seu peito um gemido
Cruel se escape dorido! [...]"

"[...] Lamenta, povo infeliz,
Em tua hora final
A tantas nações estranhas
Teres feito tanto mal!

Do fanatismo os teus filhos
Triste presa não seriam,
Nem no teu solo os seus padres
A fogueira acenderiam.

Mas buscando estranhas terras
Tu crias correr à glória,
Tão falsa como te achas
Pequena hoje na história.

Outras nações guerreando
Te esqueceste de ilustrar
A tua, que jaz pobre,
Nas trevas, próxima a expirar.

Ó gênio do Brasil, às plagas tuas
Volta... oh! Volta a vingar os filhos teus! [...]"

"[...] E qual tempestade por Deus fulminada
Sobre um povo ingrato, que Ele amaldiçoa
Varão denodado às fileiras voa
Dos filhos que a pátria querem libertada!

Dos bravos Caetés se diz descendente,
Sua triste raça jurou de vingar...
Desde lá do berço aprendeu a amar
O triste oprimido; dele é defendente [...]"

"[...] Tudo podes tu fazer,
Menos descer
Às trevas do esquecimento
Os mártires da Liberdade,
A Divindade
Lhes tem marcado o momento.

Da decisiva vitória,
Que a glória
Neste solo firmar deve:
Aqui onde bem fruir
De um porvir venturoso iremos breve [...]"

"Este grande povo, que o nome tomou
De um pau simulando das brasas a cor,
Nascido na terra, que Deus te outorgou,
De seu bem só cura, não de tua dor.

Em campo ei-lo agora com armas na mão
Mas seja um partido, ou outro que vença
A tua ventura não creias farão!
São outros seus planos, outra a sua crença [...]"

"[...] Do Amazonas ao Prata
O povo lhe está bradando:
- Sacia-te monstro atroz,
Teu império está finando!
Mas tu meu pobre Caeté
Escuta a Realidade;
Busca as matas, lá somente
Gozarás da Liberdade".

A Lágrima de um Caeté / Nísia Floresta
Brasileira Augusta; Organização de Constância
Lima Duarte. 4. ed. Natal: 1997. 66p.